

ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DA FACE EM SALA DE AULA.

ANA PAULA DIAS (UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP).

Resumo

Em qualquer forma de interação verbal, aquele que ocupa a posição de falante tem a consciência de que está numa posição vulnerável, pois corre o risco de ser interrompido ou sofrer objeções. Por isso mesmo, ele procura controlar (monitorar) suas próprias palavras, assim como as palavras e reações dos interlocutores. Com esse procedimento, o falante procura manter a situação de equilíbrio precário que se instaura no processo interacional. Uma das formas de manter esse equilíbrio é construir uma auto-imagem pública de si mesmo, na qual se evidenciem os traços positivos e se ocultem os traços negativos. Da mesma forma, o falante busca resguardar a imagem dos interlocutores, evitando aquilo que possa ser tomado por invasivo ou comprometedor. A essa imagem os estudiosos atribuem o nome de *persona* (Jung) e *face* (Goffman). O conceito de *face* foi caracterizado por Goffman (1970) de acordo com as necessidades e desejos de cada interactante de uma conversação. Ele estudou procedimentos de preservação da *face*, pois, para ele, quando se entra em contato com o outro, tem-se a preocupação de preservar a auto-imagem pública. A essa auto-imagem, Goffman dá o nome de *face*. No contexto da sala de aula não é diferente, pois ameaças podem ocorrer de maneiras diversas como: o professor ameaçando sua própria *face*; o professor ameaçando a *face* de um aluno; o professor ameaçando a *face* dos alunos como um todo; um aluno ameaçando a *face* do professor; os alunos como um todo (a classe) ameaçando a *face* do professor; um aluno ameaçando a *face* de outro aluno. Assim, observamos neste trabalho quais procedimentos são utilizados por professores e alunos para preservarem suas *faces* durante as aulas.

Palavras-chave:

interação, preservação das *faces*, imagem.

Estratégias de preservação da *face* em sala de aula.

Em qualquer forma de interação verbal, aquele que ocupa a posição de falante tem a consciência de que está numa posição vulnerável, pois corre o risco de ser interrompido ou sofrer objeções. Por isso mesmo, ele procura controlar (monitorar) suas próprias palavras, assim como as palavras e reações dos interlocutores. Com esse procedimento, o falante procura manter a situação de equilíbrio precário que se instaura no processo interacional.

Uma das formas de manter esse equilíbrio é construir uma auto-imagem pública, na qual se evidenciem os traços positivos e se ocultem os traços negativos. Da mesma forma, o falante busca resguardar a imagem dos interlocutores, evitando aquilo que possa ser tomado por invasivo ou comprometedor. A essa imagem os estudiosos atribuem o nome de *persona* (Jung) e *face* (Goffman).

O conceito de *face* foi caracterizado por Goffman (1970), de acordo com as necessidades e desejos de cada interactante de uma conversação. Ele estudou procedimentos de preservação da *face*, pois, para ele, quando se entra em contato com o outro, tem-se a preocupação de preservar a auto-imagem pública. A essa auto-imagem, Goffman dá o nome de *face*. Segundo Goffman, (Goffman, 1970):

"Pode definir-se o termo face como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que outros podem compartilhar, como quando uma pessoa enaltece sua profissão ou sua religião graças a seus próprios méritos." (p. 13)

Marcuschi (2005) cita o fato de que somos irremediavelmente interativos, talvez por uma necessidade de sobrevivência. Todo encontro é interativo, porém nem todas as interações são bem sucedidas, pois a interação é um jogo no qual se exige trabalho e altruísmo. Esses dois conceitos identificam-se com atitudes cooperativas. Dessas atitudes fazem parte a construção de uma imagem positiva de si e do interlocutor, e o respeito pelas imagens criadas.

Para alcançar esse objetivo, Goffman (1970) cita duas atitudes fundamentais: o auto-respeito (preservação da própria face) e a consideração ao próximo (preservação da face do outro). Da combinação desses dois fatores resulta um meio eficaz de preservar a própria imagem, assim como a imagem e a dignidade dos demais participantes.

Essas duas atitudes (auto-respeito e consideração ao próximo) constituem recursos dos rituais de interação, e delas o indivíduo se serve para evidenciar que tem a competência para delimitar o próprio território sem "avançar" no espaço do seu interlocutor. Essa atitude constitui uma manifestação de cortesia, e mostra que ser cortês não é apenas usar fórmulas prontas, mas saber adaptar-se às circunstâncias da situação enunciativa.

A preservação das faces do falante e do ouvinte funciona como regras de interação. O contato com o outro já representa um rompimento de equilíbrio preexistente entre as partes, ameaçando a auto-imagem pública construída pelos participantes. O indivíduo acaba por assumir dois pontos de vista: uma orientação defensiva (preservação de sua própria face); uma orientação protetora (preservação da face do outro). Segundo Galembeck, (Galembeck 2008):

"Para construir, preservar ou restaurar a própria face e a dos demais participantes, o indivíduo utiliza determinados procedimentos, denominados processos de figuração ou de negociação de imagem. Esses processos têm por objetivo mostrar que os participantes sabem gerenciar relações, isto é, sabem lidar de forma proveitosa consigo mesmo e com os outros. Com esses procedimentos, previnem-se ameaças potenciais à própria face, numa atitude de resguardo ou defesa." (p. 330)

A face é formada por um conjunto de desejos que podem ou não ser satisfeitos por ações de outros, o que promove o interesse em manter a face e criar um acordo tácito entre os interactantes da conversação. Enquanto o falante não ameaça a face do ouvinte, este não ameaça a face daquele. Ao preservar a própria face, é preciso ter cuidado para não ameaçar a do outro e procurar uma saída que não leve à perda da própria face. Segundo Goffman, (Goffman 1970):

"Algumas práticas são principalmente defensivas e outras principalmente protetoras, ainda que, em geral, possa esperar-se que as duas perspectivas sejam tomadas ao mesmo tempo. Ao tratar de salvar a face dos demais, a pessoa deve escolher um caminho que não conduza à perda da sua própria face; ao tratar de salvar a sua própria, deve levar em conta a perda da face que sua ação pode representar para os outros." (p. 1970:20-21)

Outros trabalhos, como de Brown e Levinson (1978), também desenvolveram os conceitos apresentados por Goffman. Para eles, a face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser, constantemente, cuidada em uma interação. Ainda afirmam que as pessoas, geralmente, cooperam na manutenção da face durante a interação, sendo tal cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face, ou seja, ela depende da manutenção da face dos outros, e, como se pode esperar, as pessoas defendem suas faces quando ameaçadas, e, ao fazerem isso, ameaçam também, e é de interesse de cada um manter, além da sua, a face do outro.

A noção de face, formulada inicialmente por Goffman, foi ampliada e reformulada por Brown e Levinson (1987), autores que a subdividem em face positiva e face negativa.

A face negativa engloba a contestação aos territórios, reservas pessoais e direitos, ou seja, a liberdade de ação e liberdade de sofrer imposição. É o desejo de não ser impedido de suas ações, por isso a preservação da face negativa implica a não-imposição do outro.

A face positiva representa a auto-imagem definida ou personalidade (desejo que sua imagem possa ser aprovada e apreciada) de que os interlocutores necessitam. É o desejo de aprovação social (auto-estima). Segundo Galembeck, (Galembeck 2008):

"Acrescente-se que as noções de face positiva e face negativa relacionam-se, genericamente, com a polidez e o gerenciamento de relações interpessoais. Ao criar uma imagem positiva de si mesmo (ou procurar fazê-lo), o indivíduo mostra, em consequência, que tem a capacidade de interagir de forma respeitosa. Com isso, ele exhibe apenas o que julga ser positivo, demonstra o desejo de não se criar qualquer tipo de constrangimento ao seu parceiro conversacional. Da mesma forma, ele esconde aquilo que deseja ver exibido, para não criar situações embaraçosas para si e demais interlocutores. Do mesmo modo, a criação de uma imagem positiva do interlocutor demonstra que o falante tem a competência para estabelecer relações equilibradas e respeitosas com seu parceiro conversacional. Aliás, a polidez, assim como a construção e a preservação da face, é um fenômeno que opera em mão dupla, pois deve haver equilíbrio entre a própria imagem e a do outro." (p. 331-332)

Durante a conversação, existem atos que são contrários aos desejos do outro e ameaçam suas faces. Esses atos de fala que ameaçam a face são chamados de atos ameaçadores da face (em inglês *threatening acts* ou *FTAs*). Marcuschi (1986) apresenta um resumo de atos que ameaçam a face:

- a) atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, insultos, acusações.
- b) atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, elogios.
- c) atos que ameaçam a face positiva do falante: auto-humilhação, auto-confissão.
- d) atos que ameaçam a face negativa do falante: agradecimentos, excusas, aceitação de ofertas.

Kerbrat-Orecchioni (2006), ao fazer um balanço crítico do modelo de Brown e Levinson e buscando aperfeiçoá-lo, propõe a noção de *FFA* (*Face Flattering Acts*) em paralelo à noção de *FTA*. Para a autora, na interação, assim como há atos que ameaçam a face, há também atos que valorizam a face:

"A esse modelo reprovou-se, sobretudo, uma concepção excessivamente pessimista, e até mesmo "paranóide", da interação - representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face. Com efeito, é incontestável que Brown e Levinson reduzem demais a polidez (cortesia) à sua forma "negativa": bastante revelador desse aspecto é o fato de eu, buscando reciclar a noção de ato de fala na perspectiva de uma teoria da polidez (cortesia) lingüística, eles apenas tenham focalizado os atos potencialmente ameaçadores para as faces, sem pensar que alguns atos de fala também podem ser valorizantes para essas mesmas faces, como o elogio, o agradecimento ou os votos. Para explicá-los, é indispensável introduzir no modelo teórico um termo suplementar para designar esses atos que são, em alguma medida, o lado positivo dos *FTAs*: chamamos esses "anti-*FTAs*" de "*FFAs*"." (p.81-82)

No contexto da sala de aula não é diferente, pois ameaças podem ocorrer de maneiras diversas como: o professor ameaçando sua própria face; o professor ameaçando a face de um aluno; o professor ameaçando a face dos alunos como um todo; um aluno ameaçando a face do professor; os alunos como um todo (a classe) ameaçando a face do professor; um aluno ameaçando a face de outro aluno. Por isso é interessante observar qual o formato que cada aula estudada possui, pois de acordo com o modo que o professor conduz sua metodologia, podemos observar melhor quem ameaça ou coopera com quem dentro da sala de aula.

Exemplo 1

Prof. então eu tenho força agindo aqui atrás do pistão?

Aluno: não

Prof. não né?... que mais que eu tenho? tenho uma pressão P quatro aqui?

Aluno: tem...

Prof. agindo nessa superfície aqui ó...

Aluno: isso

Prof. então eu tenho uma outra forçazinha aqui?

Aluno: tem...

Prof. uma força... batiza aí...

Aluno: f quatro

(aula 1)

Essa participação da sala não pode ser vista como espontânea, pois o professor induz os alunos a participarem com tais perguntas. Isso faz com que sua aula tenha um caráter mais dinâmico e participativo, o que acaba beneficiando sua face positiva perante a sala, sem que isso demonstre ameaça à face dos alunos, pois as participações, por serem curtas e induzidas, correm pouco risco de estarem erradas e causarem, dessa forma, constrangimentos aos participantes.

Exemplo 2

Prof. distância da superfície até o ponto dois é... x mais um... então a pressão dois é dez mil mais dez mil x ... como eu queria saber p dois menos p um... então dez mil mais dez mil x que é p dois menos dez mil x que é p um dá... dez mil? Newtons... por metro quadrado?... **é isso que dá?**

Aluno: não é metro cúbico?

Prof. pressão não... vê bem... quando você faz pressão vezes a... você faz peso específico vezes altura... pressão é peso específico vezes altura... peso específico é Newton por metro cúbico não é?... e altura é metro... não é?... então você cancela aqui com cúbico e da quadrado... então a unidade de pressão é Newton por metro quadrado... certo?... ou força sobre área... unidade de força é Newton... unidade de área é metro quadrado... certo?... resolvido?... mais um...

(aula 1)

Neste trecho, percebemos que, mesmo tendo sido interrompido por um aluno que percebe um *LRT* no momento em que o professor fecha sua fala com uma pergunta ("é isso que dá?"), o professor retoma o turno e volta a mantê-lo durante o

restante da explicação, o que faz com que sua face, que fora ameaçada através da questão lançada, volte a ser preservada através da resposta detalhada dada ao aluno. Ele volta à sua posição central e retoma o controle da conversação. Percebe-se que, durante a explicação, ele não dá oportunidade aos alunos de intervirem, e esses realmente não o fazem, de modo que suas faces não ficam ameaçadas. O único momento em que notamos uma ameaça à face dos alunos é no momento da pergunta lançada. Após esse evento, o professor, usando seu poder e controle sobre a sala, não permite que mais nada seja dito, o que diminui o risco de ameaça à face do professor e dos alunos.

Exemplo 3

dentro da célula... pode ser uma célula de animal de vegetal... de fungo... de um protista... ou até mesmo de uma bactéria... então eles são intracelulares obrigatórios... pergunta (ruídos)... quem surgiu primeiro... **um vírus ou uma bactéria?**...

Aluno: uma bactéria

Prof. por quê?

Aluno: porque o vírus foi (ruídos)

Prof. exatamente... então a gente pensa que o vírus é apenas uma molécula... mas::: ele precisa de uma outra célula pra poder desenvolver... pra poder se duplicar... então::: normalmente o que que acontece?...

(aula 4)

Percebemos que os alunos interagem de forma sucinta, com turnos bastante curtos, através de perguntas lançadas pelo professor. Na primeira participação do aluno nesse segmento, notamos que o professor não se satisfaz apenas com uma resposta optativa ("uma bactéria"), mas ainda indaga "por quê", a fim de saber se o aluno realmente possui conhecimentos na área ou apenas optou por uma das alternativas que ele ofereceu ("um vírus ou uma bactéria"). Ao fazer isso, o professor ameaça publicamente a face do aluno, pois está duvidando do seu conhecimento e colocando em prova se ele realmente sabe do que está falando. Em seguida, o aluno procede à explicação requerida pelo professor, o que faz com que sua face seja preservada, e a face do professor é que passa a ser ameaçada agora, pois o aluno mostra que, mesmo estando ameaçado, ele consegue provar que realmente é apto a responder o questionamento.

Exemplo 4

Prof. pode ter... a taxa de (ruído) desses vírus é alta... então pode haver uma combinação com outros vírus?... pode... multiplicação por quê?... porque são moléculas... não são seres vi::vos... seres vivos reproduzem... mas vírus não... então... pra eles multiplicarem eles precisam tá parasitando uma célula... seja ela eucarionte ou pro:::carionte... se eles têm a capacidade de se multiplicar também não posso falar que eles tem capacidade de se reproduzir?... não seria correto?... **sim ou não?**

Aluno: sim

Prof. exatamente... olhando por esse aspecto... correto... mas existem alguns autores que consideram os vivos... os vírus como seres vivos também... justamente porque conseguem multiplicar o seu material genético... então... uma forma de vida totalmente à parte... (aula 4)

O professor formula o questionamento ao aluno de forma optativa ("sim ou não?"), em que é prontamente respondido pelo aluno ("sim"). Nesse caso ele já não questiona a resposta dada, e ainda valoriza a participação do aluno, fazendo uma confirmação de sua resposta ("exatamente"), mas em seguida, ele já lança uma dúvida à sala, dizendo que alguns autores não analisam a questão daquela forma. Ou seja, ele valoriza a face e participação correta do aluno, ao mesmo tempo em que valoriza também sua face ao demonstrar que é detentor de mais conhecimento e informações a respeito ao dizer que outros autores têm opiniões diferentes a respeito do mesmo assunto. Dessa forma, mostra-se bem informado e atento a todas as mudanças relacionadas ao tema que está discutindo.

Exemplo 5

Aluno: como faz pra calcular a pressão na lateral?

Prof. certo... pelo princípio de Pascal que **a gente tinha visto aula passada... que era o que ia dizer agora...** quando você transmite uma pressão a uma superfície do líquido... ela se transmite integralmente a todos os pontos e em todas as direções... então se você fala que a pressão desse ponto aqui no fundo é de valor x ... se de repente esse ponto tiver aqui na parede essa pressão tá tanto aplicada no fundo quanto na parede.. porque ela é semelhante em todas as direções...

Aluno: é a mesma?

Prof. é a mesma... tá? por quê? porque o fluido é deformável... ele não vai aplicar essa função só na vertical... certo?

(aula 1)

Nessa questão lançada pelo aluno, o professor começa com um termo que não condiz à pergunta ("certo") e somente depois é que começa a dar a resposta pedida pelo aluno. Ele o faz de forma a mostrar que o aluno já devia ter aquela resposta em mente, visto que diz tratar de um assunto já visto em aula ("a gente tinha visto na aula passada"), ameaçando assim a face do aluno. Ao mesmo tempo, ele procura preservar a sua quando demonstra que o tema em questão fazia parte do planejamento de sua aula ("que era o que ia dizer agora"), e que ele não iria deixar que os alunos ficassem com essa dúvida, mesmo que ele não fosse questionado a respeito. Isso demonstra que o professor procura manter sua imagem e mais, que ele sabe exatamente o que precisa compor sua aula ou não, o que é importante ser revisto sobre o conteúdo ou não.

Exemplo 6

praia... né?... cê vai entra na água... e aí a água tá repleta de algas... isso significa que a a... água tá poluída ou não?... quem acha que sim?...

Aluno: ((alunos levantam o braço))

Prof. quem acha que não?

Aluno: ((alunos levantam o braço))

Prof. quem acha que depende?

Aluno: ((alunos levantam o braço))

(aula 3)

O fato de o professor lançar uma questão que não requer nenhum conhecimento prévio e pedir apenas uma opinião pessoal dos alunos faz com que a face desses não fique ameaçada, pois não há resposta certa ou errada sendo esperada. Isso faz com que eles sintam-se à vontade para participar, sem correr risco de serem julgados ou ameaçados. O professor, da mesma forma, acaba preservando sua face, pois, a partir do momento que dá várias opções de participação aos alunos, faz com que eles fiquem à vontade e não ameacem a face do professor.

A manutenção da face, tanto a do falante como a do ouvinte, funciona como se fossem regras de trânsito de interação. O simples contato com o outro já representa o rompimento de um equilíbrio preexistente entre as partes, ameaçando a auto-imagem pública construída pelos participantes da interação. Assim, em contato social, o indivíduo assume dois pontos de vista: uma orientação defensiva, tendo em vista preservar sua própria face; uma orientação protetora, tendo em vista preservar a face do outro. Quando ocorre a "invasão da territorialidade" por parte de um dos interactantes, haverá o que Goffman chama de perda da face. Encontrando-se nessa situação, o indivíduo pode valer-se de determinados procedimentos, utilizados para neutralizar as ameaças.

Silva (2008) afirma que a cortesia está relacionada à construção da imagem pessoal e social diante dos grupos de que participamos. E uma das formas de construirmos essa imagem é através do uso de pronomes de tratamento adequados à cada situação de que participamos. De acordo com Briz Gómez (2004), a cortesia verbal é uma estratégia dentro das atividades de imagem do locutor e interlocutor, e que está regulada em cada cultura e grupo social por certas convenções.

Bibliografia Consultada

BRAIT, B. Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, D. (Org.) *O discurso oral culto*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 55-78, 1999.

BRIZ GÓMEZ, A. (Org.). El español coloquial em la conversación: esbozo de pragma-gramática. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversacion. In: BRAVO, Diana e BRIZ GÓMEZ, Antonio (orgs.). *Pragmática sociocultural: estúdios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel Lingüística. p. 67-93, 2004.

BROWN, Penélope & LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

DREW, P.; SORJONEN, M. L. Diálogo institucional. In: Van Dijk (compilador) *El discurso como interacción social: estúdios sobre el discurso II - una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: gedisa editorial, p. 141-178, 2000.

EHLICH, K. Discurso escolar: diálogo? In: *Caderno de estudos lingüísticos*, 11: p. 145-172, 1986.

FAIRCOUGH, N. *Language and power*. London; New York: Longman, 1989.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. C. V. O., AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, J.L. *Elementos de análise do discurso*. Análise de textos: 2º grau e vestibular. Como aproveitar a leitura. A produção do texto literário. São Paulo: Contexto, 2004.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

_____. Polidez e preservação da face na fala de universitários. In: PRETI, D. (Org.) *Cortesía verbal*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, p. 323-344, 2008.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

GOFFMAN, E. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

INGVE, V. On getting a word in edgewise. In: CAMPEBELL, A. et al. (Orgs.). *Papers from the sit regional meeting Chicago Linguistics Society*. Chicago: University of Chicago, 1970.

JUNG, C. G. Psicologia do Inconsciente. In: CAMPEBELL, A. et al. (Orgs.) *Estudos sobre Psicologia Analítica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 1-110. trad. Maria Luiza Appy. (obras completas de C. G. Jung, 7), 1981.

KOCH, I.V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin. Vol. 2. 1992.

_____ *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola. 2006.

LEVINSON, S. Activity types and language. In: *Linguistics*, 17: p. 365-399, 1978.

_____ *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LIMA, S.O. Perguntas e respostas na sala de aula: o que, afinal, elas representam na interação? In: *Cadernos de pesquisa na graduação em Letras*, ano I, número 2, p. 103-121, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____ *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____ O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, D. (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 45-83, 2005.

PERELMAN, C. *Retóricas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1993.

_____ A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1993

_____ (Org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

_____ (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

_____ (Org.). *Fala e escrita em questão.. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.*

_____ (Org.). *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

_____ Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 45-66, 2003.

_____ (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005.

_____ (Org.). *Oralidade em diferentes discursos.. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.*

_____ (Org.) *Cortesia verbal*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, 2008.

SACKS, H. Notes on methodology. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Orgs.) *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 21-27, 1984.

SACKS, H.; SCHGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, 50: p. 696-735, 1974.

SCHGLOFF, E. A. Sequencing in conversational openings. In: LAVER, J.; HUTCHESON, S. *Communication in face-to-face interaction*. Harmondsworth: Penguin, p. 374-405, 1972.

SILVA, Luiz Antonio da. *Interação no discurso de sala de aula*. (Projeto NURC) Dissertação de Doutorado. FFLCH/USP, 1997.

_____ Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 179-204, 2003

_____ Perguntas e respostas: oralidade e interação. In: *Oralidade em diferentes discursos..* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 261-295, 2006.

_____ Cortesia e formas de tratamento. In RETI, D. (Org.) *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2008.

_____ *Poder y solidaridad en el discurso académico*. Actas Del V Congreso de Lingüística General.

VAN DIJK, T. *Discourse Studies and Education*. Applied Linguistics, 2, p. 1-26, 1981. <http://www.discourses.org/OldArticles.html>

_____ *Ideological discourse analysis*. New Courant (English Dept, University of Helsinki), 4 (1995), 135-161. Special issue Interdisciplinary approaches to Discourse Analysis , ed. by Eija

Ventola and Anna Solin. <http://www.discourses.org/OldArticles.html>

_____ El discurso como interacción em la sociedad. In: Van Dijk (compilador) *El discurso como interacción social: estúdios sobre el discurso II - una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: gedisa editorial, p. 19-66, 2000.

_____ (compilador) *El discurso como interacción social: estúdios sobre el discurso II - una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa editorial, 2000.

_____ *Discourse, ideology and context*. Folia Linguistica, XXX/1-2, 2001, 11-40.

<http://www.discourses.org/OldArticles.html>

Estratégias de preservação da face em sala de aula.

Em qualquer forma de interação verbal, aquele que ocupa a posição de falante tem a consciência de que está numa posição vulnerável, pois corre o risco de ser interrompido ou sofrer objeções. Por isso mesmo, ele procura controlar (monitorar) suas próprias palavras, assim como as palavras e reações dos interlocutores. Com esse procedimento, o falante procura manter a situação de equilíbrio precário que se instaura no processo interacional.

Uma das formas de manter esse equilíbrio é construir uma auto-imagem pública, na qual se evidenciem os traços positivos e se ocultem os traços negativos. Da mesma forma, o falante busca resguardar a imagem dos interlocutores, evitando aquilo que possa ser tomado por invasivo ou comprometedor. A essa imagem os estudiosos atribuem o nome de *persona* (Jung) e *face* (Goffman).

O conceito de face foi caracterizado por Goffman (1970), de acordo com as necessidades e desejos de cada interactante de uma conversação. Ele estudou procedimentos de preservação da face, pois, para ele, quando se entra em contato com o outro, tem-se a preocupação de preservar a auto-imagem pública. A essa auto-imagem, Goffman dá o nome de *face*. Segundo Goffman, (Goffman, 1970):

“Pode definir-se o termo face como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que outros podem compartilhar, como quando uma pessoa enaltece sua profissão ou sua religião graças a seus próprios méritos.” (p. 13)

Marcuschi (2005) cita o fato de que somos irremediavelmente interativos, talvez por uma necessidade de sobrevivência. Todo encontro é interativo, porém nem todas as interações são bem sucedidas, pois a interação é um jogo no qual se exige trabalho e altruísmo. Esses dois conceitos identificam-se com atitudes cooperativas. Dessas atitudes fazem parte a construção de uma imagem positiva de si e do interlocutor, e o respeito pelas imagens criadas.

Para alcançar esse objetivo, Goffman (1970) cita duas atitudes fundamentais: o auto-respeito (preservação da própria face) e a consideração ao próximo (preservação da

face do outro). Da combinação desses dois fatores resulta um meio eficaz de preservar a própria imagem, assim como a imagem e a dignidade dos demais participantes.

Essas duas atitudes (auto-respeito e consideração ao próximo) constituem recursos dos rituais de interação, e delas o indivíduo se serve para evidenciar que tem a competência para delimitar o próprio território sem “avançar” no espaço do seu interlocutor. Essa atitude constitui uma manifestação de cortesia, e mostra que ser cortês não é apenas usar fórmulas prontas, mas saber adaptar-se às circunstâncias da situação enunciativa.

A preservação das faces do falante e do ouvinte funciona como regras de interação. O contato com o outro já representa um rompimento de equilíbrio preexistente entre as partes, ameaçando a auto-imagem pública construída pelos participantes. O indivíduo acaba por assumir dois pontos de vista: uma orientação defensiva (preservação de sua própria face); uma orientação protetora (preservação da face do outro). Segundo Galembeck, (Galembeck 2008):

“Para construir, preservar ou restaurar a própria face e a dos demais participantes, o indivíduo utiliza determinados procedimentos, denominados processos de figuração ou de negociação de imagem. Esses processos têm por objetivo mostrar que os participantes sabem gerenciar relações, isto é, sabem lidar de forma proveitosa consigo mesmo e com os outros. Com esses procedimentos, previnem-se ameaças potenciais à própria face, numa atitude de resguardo ou defesa.” (p. 330)

A face é formada por um conjunto de desejos que podem ou não ser satisfeitos por ações de outros, o que promove o interesse em manter a face e criar um acordo tácito entre os interactantes da conversação. Enquanto o falante não ameaça a face do ouvinte, este não ameaça a face daquele. Ao preservar a própria face, é preciso ter cuidado para não ameaçar a do outro e procurar uma saída que não leve à perda da própria face. Segundo Goffman, (Goffman 1970)

“Algumas práticas são principalmente defensivas e outras principalmente protetoras, ainda que, em geral, possa esperar-se que as duas perspectivas sejam tomadas ao mesmo tempo. Ao tratar de salvar a face dos demais, a pessoa deve escolher um caminho que não conduza à perda da sua própria face; ao tratar de salvar a sua própria, deve levar em conta a perda da face que sua ação pode representar para os outros.” (p. 1970:20-21)

Outros trabalhos, como de Brown e Levinson (1978), também desenvolveram os conceitos apresentados por Goffman. Para eles, a face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser, constantemente, cuidada em uma interação. Ainda afirmam que as pessoas, geralmente, cooperam na manutenção da face durante a interação, sendo tal cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face, ou seja, ela depende da manutenção da face dos outros, e, como se pode esperar, as pessoas defendem suas faces quando ameaçadas, e, ao fazerem isso, ameaçam também, e é de interesse de cada um manter, além da sua, a face do outro.

A noção de face, formulada inicialmente por Goffman, foi ampliada e reformulada por Brown e Levinson (1987), autores que a subdividem em face positiva e face negativa.

A face negativa engloba a contestação aos territórios, reservas pessoais e direitos, ou seja, a liberdade de ação e liberdade de sofrer imposição. É o desejo de não ser impedido de suas ações, por isso a preservação da face negativa implica a não-imposição do outro.

A face positiva representa a auto-imagem definida ou personalidade (desejo que sua imagem possa ser aprovada e apreciada) de que os interlocutores necessitam. É o desejo de aprovação social (auto-estima). Segundo Galembeck, (Galembeck 2008):

“Acrescente-se que as noções de face positiva e face negativa relacionam-se, genericamente, com a polidez e o gerenciamento de relações interpessoais. Ao criar uma imagem positiva de si mesmo (ou procurar fazê-lo), o indivíduo mostra, em conseqüência, que tem a capacidade de interagir de forma respeitosa. Com isso, ele exhibe apenas o que julga ser positivo, demonstra o desejo de não se criar qualquer tipo de constrangimento ao seu parceiro conversacional. Da mesma forma, ele esconde aquilo que deseja ver exibido, para não criar situações embaraçosas para si e dos demais interlocutores. Do mesmo modo, a criação de uma imagem positiva do interlocutor demonstra que o falante tem a competência para estabelecer relações equilibradas e respeitosas com seu parceiro conversacional. Aliás, a polidez, assim como a construção e a preservação da face, é um fenômeno que opera em mão dupla, pois deve haver equilíbrio entre a própria imagem e a do outro.” (p. 331-332)

Durante a conversação, existem atos que são contrários aos desejos do outro e ameaçam suas faces. Esses atos de fala que ameaçam a face são chamados de atos ameaçadores da face (em inglês *threatening acts* ou *FTAs*). Marcuschi (1986) apresenta um resumo de atos que ameaçam a face:

- a) atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, insultos, acusações.
- b) atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, elogios.
- c) atos que ameaçam a face positiva do falante: auto-humilhação, auto-confissão.
- d) atos que ameaçam a face negativa do falante: agradecimentos, excusas, aceitação de ofertas.

Kerbrat-Orecchioni (2006), ao fazer um balanço crítico do modelo de Brown e Levinson e buscando aperfeiçoá-lo, propõe a noção de *FFA* (*Face Flattering Acts*) em paralelo à noção de *FTA*. Para a autora, na interação, assim como há atos que ameaçam a face, há também atos que valorizam a face:

“A esse modelo reprovou-se, sobretudo, uma concepção excessivamente pessimista, e até mesmo “paranóide”, da interação – representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face. Com efeito, é incontestável que Brown e Levinson reduzem demais a polidez (cortesia) à sua forma “negativa”: bastante revelador desse aspecto é o fato de eu, buscando reciclar a noção de ato de fala na perspectiva de uma teoria da polidez (cortesia) lingüística, eles apenas tenham focalizado os atos potencialmente ameaçadores para as faces, sem pensar que alguns atos de fala também podem ser valorizantes para essas mesmas faces, como o elogio, o agradecimento ou os votos. Para explicá-los, é indispensável introduzir no modelo teórico um termo suplementar para designar esses atos que são, em alguma medida, o lado positivo dos *FTAs*: chamamos esses “anti-*FTAs*” de “*FFAs*”.” (p.81-82)

No contexto da sala de aula não é diferente, pois ameaças podem ocorrer de maneiras diversas como: o professor ameaçando sua própria face; o professor ameaçando a face de um aluno; o professor ameaçando a face dos alunos como um todo; um aluno ameaçando a face do professor; os alunos como um todo (a classe) ameaçando a face do professor; um aluno ameaçando a face de outro aluno. Por isso é interessante observar qual o formato que cada aula estudada possui, pois de acordo com

o modo que o professor conduz sua metodologia, podemos observar melhor quem ameaça ou coopera com quem dentro da sala de aula.

Exemplo 1

Prof. então eu tenho força agindo aqui atrás do pistão?

Aluno: não

Prof. não né?... que mais que eu tenho? tenho uma pressão P quatro aqui?

Aluno: tem...

Prof. agindo nessa superfície aqui ó...

Aluno: isso

Prof. então eu tenho uma outra forçazinha aqui?

Aluno: tem...

Prof. uma força... batiza aí...

Aluno: f quatro

(aula 1)

Essa participação da sala não pode ser vista como espontânea, pois o professor induz os alunos a participarem com tais perguntas. Isso faz com que sua aula tenha um caráter mais dinâmico e participativo, o que acaba beneficiando sua face positiva perante a sala, sem que isso demonstre ameaça à face dos alunos, pois as participações, por serem curtas e induzidas, correm pouco risco de estarem erradas e causarem, dessa forma, constrangimentos aos participantes.

Exemplo 2

Prof. distância da superfície até o ponto dois é... x mais um... então a pressão dois é dez mil mais dez mil x... como eu queria saber p dois menos p um... então dez mil mais dez mil x que é p dois menos dez mil x que é p um dá... dez mil? Newtons... por metro quadrado?... **é isso que dá?**

Aluno: não é metro cúbico?

Prof. pressão não... vê bem... quando você faz pressão vezes a... você faz peso específico vezes altura... pressão é peso específico vezes altura... peso específico é Newton por metro cúbico não é?... e altura é metro... não é?... então você cancela aqui com cúbico e da quadrado... então a unidade de pressão é Newton por metro quadrado... certo?... ou força sobre área... unidade de força e Newton... unidade de área é metro quadrado... certo?... resolvido?... mais um...

(aula 1)

Neste trecho, percebemos que, mesmo tendo sido interrompido por um aluno que percebe um *LRT* no momento em que o professor fecha sua fala com uma pergunta (“é isso que dá?”), o professor retoma o turno e volta a mantê-lo durante o restante da explicação, o que faz com que sua face, que fora ameaçada através da questão lançada, volte a ser preservada através da resposta detalhada dada ao aluno. Ele volta à sua posição central e retoma o controle da conversação. Percebe-se que, durante a

explicação, ele não dá oportunidade aos alunos de intervirem, e esses realmente não o fazem, de modo que suas faces não ficam ameaçadas. O único momento em que notamos uma ameaça à face dos alunos é no momento da pergunta lançada. Após esse evento, o professor, usando seu poder e controle sobre a sala, não permite que mais nada seja dito, o que diminui o risco de ameaça à face do professor e dos alunos.

Exemplo 3

dentro da célula... pode ser uma célula de animal de vegetal... de fungo... de um protista... ou até mesmo de uma bactéria... então eles são intracelulares obrigatórios... pergunta (ruídos)... quem surgiu primeiro... **um vírus ou uma bactéria?**...

Aluno: uma bactéria

Prof. por quê?

Aluno: porque o vírus foi (ruídos)

Prof. exatamente... então a gente pensa que o vírus é apenas uma molécula... mas::: ele precisa de uma outra célula pra poder desenvolver... pra poder se duplicar... então::: normalmente o que que acontece?...

(aula 4)

Percebemos que os alunos interagem de forma sucinta, com turnos bastante curtos, através de perguntas lançadas pelo professor. Na primeira participação do aluno nesse segmento, notamos que o professor não se satisfaz apenas com uma resposta optativa (“uma bactéria”), mas ainda indaga “por quê”, a fim de saber se o aluno realmente possui conhecimentos na área ou apenas optou por uma das alternativas que ele ofereceu (“um vírus ou uma bactéria”). Ao fazer isso, o professor ameaça publicamente a face do aluno, pois está duvidando do seu conhecimento e colocando em prova se ele realmente sabe do que está falando. Em seguida, o aluno procede à explicação requerida pelo professor, o que faz com que sua face seja preservada, e a face do professor é que passa a ser ameaçada agora, pois o aluno mostra que, mesmo estando ameaçado, ele consegue provar que realmente é apto a responder o questionamento.

Exemplo 4

Prof. pode ter... a taxa de (ruído) desses vírus é alta... então pode haver uma combinação com outros vírus?... pode... multiplicação por quê?... porque são moléculas... não são seres vi::vos... seres vivos reproduzem... mas vírus não... então... pra eles multiplicarem eles precisam ta parasitando uma célula... seja ela eucarionte ou pro:::carionte... se eles têm a capacidade de se multiplicar também não posso falar que eles tem capacidade de se reproduzir?... não seria correto?... **sim ou não?**

Aluno: sim

Prof. exatamente... olhando por esse aspecto... correto... mas existem alguns autores que consideram os vivo... os vírus como seres vivos também... justamente porque conseguem multiplicar o seu material genético... então... uma forma de vida totalmente à parte... (aula 4)

O professor formula o questionamento ao aluno de forma optativa (“sim ou não?”), em que é prontamente respondido pelo aluno (“sim”). Nesse caso ele já não questiona a resposta dada, e ainda valoriza a participação do aluno, fazendo uma confirmação de sua resposta (“exatamente”), mas em seguida, ele já lança uma dúvida à sala, dizendo que alguns autores não analisam a questão daquela forma. Ou seja, ele valoriza a face e participação correta do aluno, ao mesmo tempo em que valoriza também sua face ao demonstrar que é detentor de mais conhecimento e informações a respeito ao dizer que outros autores têm opiniões diferentes a respeito do mesmo assunto. Dessa forma, mostra-se bem informado e atento a todas as mudanças relacionadas ao tema que está discutindo.

Exemplo 5

Aluno: como faz pra calcular a pressão na lateral?

Prof. certo... pelo princípio de Pascal que **a gente tinha visto aula passada... que era o que ia dizer agora...** quando você transmite uma pressão a uma superfície do líquido... ela se transmite integralmente a todos os pontos e em todas as direções... então se você fala que a pressão desse ponto aqui no fundo é de valor x ... se de repente esse ponto tiver aqui na parede essa pressão tá tanto aplicada no fundo quanto na parede.. porque ela é semelhante em todas as direções...

Aluno: é a mesma?

Prof. é a mesma... tá? por quê? porque o fluido é deformável... ele não vai aplicar essa função só na vertical... certo?

(aula 1)

Nessa questão lançada pelo aluno, o professor começa com um termo que não condiz à pergunta (“certo”) e somente depois é que começa a dar a resposta pedida pelo aluno. Ele o faz de forma a mostrar que o aluno já devia ter aquela resposta em mente, visto que diz tratar de um assunto já visto em aula (“a gente tinha visto na aula passada”), ameaçando assim a face do aluno. Ao mesmo tempo, ele procura preservar a sua quando demonstra que o tema em questão fazia parte do planejamento de sua aula (“que era o que ia dizer agora”), e que ele não iria deixar que os alunos ficassem com essa dúvida, mesmo que ele não fosse questionado a respeito. Isso demonstra que o professor procura manter sua imagem e mais, que ele sabe exatamente o que precisa compor sua aula ou não, o que é importante ser revisto sobre o conteúdo ou não.

Exemplo 6

praia... né?... cê vai entra na água... e aí a água tá repleta de algas... isso significa que a a... água tá poluída ou não?... quem acha que sim?...

Aluno: ((alunos levantam o braço))

Prof. quem acha que não?

Aluno: ((alunos levantam o braço))

Prof. quem acha que depende?

Aluno: ((alunos levantam o braço))

(aula 3)

O fato de o professor lançar uma questão que não requer nenhum conhecimento prévio e peça apenas uma opinião pessoal dos alunos faz com que a face desses não fique ameaçada, pois não há resposta certa ou errada sendo esperada. Isso faz com que eles sintam-se à vontade para participar, sem correr risco de serem julgados ou ameaçados. O professor, da mesma forma, acaba preservando sua face, pois, a partir do momento que dá várias opções de participação aos alunos, faz com que eles fiquem à vontade e não ameacem a face do professor.

A manutenção da face, tanto a do falante como a do ouvinte, funciona como se fossem regras de trânsito de interação. O simples contato com o outro já representa o rompimento de um equilíbrio preexistente entre as partes, ameaçando a auto-imagem pública construída pelos participantes da interação. Assim, em contato social, o indivíduo assume dois pontos de vista: uma orientação defensiva, tendo em vista preservar sua própria face; uma orientação protetora, tendo em vista preservar a face do outro. Quando ocorre a “invasão da territorialidade” por parte de um dos interactantes, haverá o que Goffman chama de perda da face. Encontrando-se nessa situação, o indivíduo pode valer-se de determinados procedimentos, utilizados para neutralizar as ameaças.

Silva (2008) afirma que a cortesia está relacionada à construção da imagem pessoal e social diante dos grupos de que participamos. E uma das formas de construirmos essa imagem é através do uso de pronomes de tratamento adequados à cada situação de que participamos. De acordo com Briz Gómez (2004), a cortesia verbal é uma estratégia dentro das atividades de imagem do locutor e interlocutor, e que está regulada em cada cultura e grupo social por certas convenções.

Bibliografia Consultada

BRAIT, B. Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, D. (Org.) *O discurso oral culto*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 55-78, 1999.

BRIZ GÓMEZ, A. (Org.). El español coloquial em la conversación: esbozo de pragmatogramática. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversacion. In: BRAVO, Diana e BRIZ GÓMEZ, Antonio (orgs.). *Pragmática sociocultural: estúdios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel Lingüística. p. 67-93, 2004.

BROWN, Penélope & LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

DREW. P.; SORJONEN. M. L. Diálogo institucional. In: Van Dijk (compilador) *El discurso como interacción social: estúdios sobre el discurso II – una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: gedisa editorial, p. 141-178, 2000.

EHLICH, K. Discurso escolar: diálogo? In: *Caderno de estudos lingüísticos*, 11: p. 145-172, 1986.

FAIRCOUGH, N. *Language and power*. London; New York: Longman, 1989.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. C. V. O., AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, J.L. *Elementos de análise do discurso*. Análise de textos: 2º grau e vestibular. Como aproveitar a leitura. A produção do texto literário. São Paulo: Contexto, 2004.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

_____. Polidez e preservação da face na fala de universitários. In: PRETI, D. (Org.) *Cortesía verbal*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, p. 323-344, 2008.

- GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.
- GOFFMAN, E. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.
- INGVE, V. On getting a word in edgewise. In: CAMPEBELL, A. et al. (Orgs.). *Papers from the sit regional meeting Chicago Linguistics Society*. Chicago: University of Chicago, 1970.
- JUNG, C. G. Psicologia do Inconsciente. In: CAMPEBELL, A. et al. (Orgs.) *Estudos sobre Psicologia Analítica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 1-110. trad. Maria Luiza Appy. (obras completas de C. G. Jung, 7), 1981.
- KOCH, I.V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin. Vol. 2. 1992.
- _____ *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola. 2006.
- LEVINSON, S. Activity types and language. In: *Linguistics*, 17: p. 365-399, 1978.
- _____ *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LIMA, S.O. Perguntas e respostas na sala de aula: o que, afinal, elas representam na interação? In: *Cadernos de pesquisa na graduação em Letras*, ano I, número 2, p. 103-121, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____ *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____ O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, D. (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 45-83, 2005.
- PERELMAN, C. *Retóricas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1993.
- _____ A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1993
- _____ (Org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- _____ (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- _____ (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.
- _____ (Org.). *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- _____ Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 45-66, 2003.
- _____ (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005.
- _____ (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.
- _____ (Org.) *Cortesia verbal*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, 2008.
- SACKS, H. Notes on methodology. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Orgs.) *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 21-27, 1984.
- SACKS, H.; SCHGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, 50: p. 696-735, 1974.
- SCHGLOFF, E. A. Sequencing in conversational openings. In: LAVER, J.; HUTCHESON, S. *Communication in face-to-face interaction*. Harmondsworth: Penguin, p. 374-405, 1972.
- SILVA, Luiz Antonio da. *Interação no discurso de sala de aula*. (Projeto NURC) Dissertação de Doutorado. FFLCH/USP, 1997.

_____ Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 179-204, 2003

_____ Perguntas e respostas: oralidade e interação. In: *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 261-295, 2006.

_____ Cortesia e formas de tratamento. In: PRETI, D. (Org.) *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2008.

_____ *Poder y solidaridad en el discurso académico*. Actas Del V Congreso de Lingüística General.

VAN DIJK, T. *Discourse Studies and Education*. Applied Linguistics, 2, p. 1-26, 1981.

<http://www.discourses.org/OldArticles.html>

_____ [Ideological discourse analysis](#). New Courant (English Dept, University of Helsinki), 4 (1995), 135-161. Special issue Interdisciplinary approaches to Discourse Analysis , ed. by Eija

Ventola and Anna Solin. <http://www.discourses.org/OldArticles.html>

_____ El discurso como interacción en la sociedad. In: Van Dijk (compilador) *El discurso como interacción social: estudios sobre el discurso II – una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: gedisa editorial, p. 19-66, 2000.

_____ (compilador) *El discurso como interacción social: estudios sobre el discurso II – una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa editorial, 2000.

_____ [Discourse, ideology and context](#). Folia Linguistica, XXX/1-2, 2001, 11-40.

<http://www.discourses.org/OldArticles.html>